

JOSÉ NEUMANNE

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, anunciou, recentemente, o fim de um dos mais antigos tormentos do Brasil: o famigerado déficit público.

Pela primeira vez, fez questão de divulgar, o governo, as despesas orçamentárias federais conseguem não ultrapassar a parca receita fiscal da União, tendo sido dado, dessa forma, um passo decisivo para se debelar, de vez, o flagelo inflacionário no País.

Com todo o respeito devido aos cálculos dos economistas da equipe de Collor e à palavra da senhora ministra, convém duvidar. A experiência tem escaldado os brasileiros em matéria de operações matemáticas realizadas em calculadoras usadas por dedos com poder de comando sobre a economia nacional: Os economistas são, às vezes, chegados à prestdigitação, ou seja, recorrem à magia para maquilar índices inflacionários, reduzindo-os, sempre que a subtração interessa à boa saúde de seus argumentos.



# Mania de zero

18 JUL 1990

Além disso, a equipe de Collor tem um certo fascínio pelo zero. Na primeira avaliação dos resultados do plano de estabilização da economia, quando ninguém lhe cobrava a inexistência do processo inflacionário, o próprio presidente se apressou em anunciar a inflação zero, como uma espécie de vitória irreversível de sua administração contra os efeitos terríveis e até mesmo diabólicos da degeneração do valor da moeda.

O anúncio da inflação zero criou um problema ao governo, pois logo o processo de erosão do valor da moeda voltou e a mesma equipe que se orgulhara da queda dos índices a níveis polares foi obrigada a explicar a volta dos números de dois dígitos para medir a inflação mensal. Havia sido uma vitória, comparada com a situação herdada do governo Sarney, mas a precipitação do anúncio da inflação zero fez com que a opinião pública passasse a encará-la como um malogro do presidente, justamente num dos pontos básicos de sua política econômica.

Agora, o anúncio do déficit público zero não tem, evidentemente, o mesmo impacto nem a mesma importância da comemoração da inflação zero. Mas, de certa forma, revela que o governo não conseguiu, ainda, se livrar de uma

doença infantil: a pressa. Mais do que a pressa, pregada pelo próprio Collor ao longo da campanha como característica de sua geração, a ser adotada como estilo de governo, essa mania pelo zero demonstra uma certa tendência à precipitação, aquela necessidade irrefreável de sair por aí apregoando boas novas, quando delas surgem, não provas definitivas, mas, pelo menos, indícios promissores. Essa precipitação em contar rapidamente o bom sinal não deixa, de certa forma, de trair a compulsão em fazê-lo logo, antes que alguma pitonisa petista acorra, querendo contar, antes da notícia positiva, alguma outra de caráter negativo.

*O governo não conseguiu ainda se livrar de uma doença infantil: a pressa*

É até compreensível tal precipitação, se se considerar que os inimigos do governo Collor são muito mais precipitados ainda por quererem divulgar maus presságios como se fossem a confirmação permanente de suas negras profecias. Mas, após quatro meses de administração, talvez já esteja na

hora de compreender que administrar não é propriamente ficar calando os inimigos presságios com prenúncios pirotécnicos. No caso específico do déficit público, a ser verdadeira sua eliminação, é preciso fazer um esforço cotidiano redobrado para evitar que, em alguma ponta, sob qualquer tapete da enorme e disforme administração pública federal, ele ressurja.

Administrar uma crise ampla e complexa como a brasileira não pode se resumir à tentativa de esconder maus presságios com indícios animadores. O presidente tem feito muito ao tentar mudar a mentalidade, dominante, da cultura inflacionária que tem reinado no Brasil, mas seu governo ainda precisa fazer bem mais para instalar uma outra, nova e saudável, de cunho produtivo, capaz de tirar o País do atoleiro. O déficit público zero, se verdadeiro, pode ser um marco importante nessa caminhada, mas não deve ser encarado como objetivo, um ponto de chegada. Ao contrário, trata-se de uma estação de partida, uma condição sem a qual talvez não seja possível construir o Brasil de nossos sonhos, prometido por Collor. É cedo para comemorar. O campeonato está apenas começando.

José Neumanne é editor e editorialista do Estado

Economia - Brasil